



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DESIGN  
CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN

MATEUS ALCOFORADO DE MELO

**ENTRE LINHAS E LISTRAS:**

camisas de futebol como objetos de memória. Uma resistência pernambucana que  
não está nos museus.

Recife

2025

MATEUS ALCOFORADO DE MELO

**ENTRE LINHAS E LISTRAS:**

camisas de futebol como objetos de memória. Uma resistência pernambucana que não está nos museus.

Projeto de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Bacharelado em Design.

Orientador (a): Simone Grace de Barros

Coorientador (a): Gutiana Michelle de Oliveira Dias

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Melo, Mateus Alcoforado de .

ENTRE LINHAS E LISTRAS: camisas de futebol como objetos de memória.  
?Uma resistência pernambucana que não está nos museus. / Mateus  
Alcoforado de Melo. - Recife, 2025.

67p : il.

Orientador(a): Simone Grace de Barros

Coorientador(a): Gutiana Michelle de Oliveira Dias

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Design - Bacharelado, 2025.

Inclui referências, apêndices.

1. Design de produto. 2. camisas de futebol. 3. futebol pernambucano. 4.  
design esportivo. 5. memória individual e coletiva. 6. colecionismo. I. Barros,  
Simone Grace de. (Orientação). II. Dias, Gutiana Michelle de Oliveira.  
(Coorientação). IV. Título.

300 CDD (22.ed.)

MATEUS ALCOFORADO DE MELO

**ENTRE LINHAS E LISTRAS:**

camisas de futebol como objetos de memória. Uma resistência pernambucana que não está nos museus.

Projeto de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Bacharelado em Design.

Aprovado em: 15/08/2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Simone Grace de Barros (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Adailton Laporte de Alencar (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Gutianna Michelle de Oliveira Dias (Examinadora Externa)  
Doutoranda do PPGDESIGN

## AGRADECIMENTOS

“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” (Salmos 127:1). Sem o agir de Deus nada teria sido possível, à Ele toda honra e glória.

Esta pesquisa, para além de seu caráter acadêmico, proporcionou-me vivências enriquecedoras. As trocas de conhecimento estabelecidas com os colecionadores Dennys Lapenda ([Instagram.com/camisasdoleao](https://www.instagram.com/camisasdoleao)), Paulo Gabriel Dias ([Instagram.com/camisaspqd](https://www.instagram.com/camisaspqd)), Rodrigo Pedrosa ([Instagram.com/colecao\\_de\\_goleiros](https://www.instagram.com/colecao_de_goleiros)), Leonardo Lima e Agenildo Magalhães Junior ([Instagram.com/varal.da.cobra](https://www.instagram.com/varal.da.cobra)) revelaram-se experiências valiosas, não apenas pelo conteúdo compartilhado, mas também pela generosidade com que eles abriram suas casas e dividiram suas memórias, histórias e afetos.

À minha família: Dayse Alcoforado minha mãe, meu pai Marcos Alcoforado de Melo, minha irmã Isadora Melo e ao meu irmão Marcus Vinícius Alcoforado de Melo (responsável pelo meu batismo no futebol e em me tornar torcedor alvirrubro), minha cunhada Isabella e ao trio de pequenos alvirrubros, meus sobrinhos: Maísa, Camila e Henrique. Merece igualmente ser lembrado, meu cachorro Stallone, comecei a faculdade e me formo com ele presente em muitos dos projetos que desenvolvi ao longo do curso.

Minha gratidão à minha orientadora Simone Grace de Barros, pela qual tenho profunda admiração e a todo o corpo docente do departamento de Design da UFPE.

Ao amigo Diogo Laranjeira. Minha psicóloga Edvane Conceição. E os irmãos da Igreja Presbiteriana de Olinda e da Igreja Catedral do Calvário, agradeço as orações.



## RESUMO

Este projeto tem como objetivo pesquisar e registrar como camisas de futebol transformam-se em objetos de memórias afetivas e coletivas entre os torcedores pernambucanos, considerando o vestuário não apenas como um objeto técnico e estético, mas como um suporte simbólico de identidade, resistência e pertencimento. Para isso, a metodologia adotada baseou-se em entrevistas com colecionadores de camisas e na análise teórica fundamentada no livro Design Industrial, de Bernd Löbach, especialmente no que se refere às funções prática, estética e simbólica do design. A partir dessa perspectiva, o presente estudo busca evidenciar como o design de camisas de futebol atua como criador de narrativas visuais e memórias compartilhadas.

**Palavras-chave:** Futebol pernambucano. Memória coletiva e individual. Design de moda. Design de produto. Torcedores/as de futebol. Identidades torcedoras. Pertencimento clubístico.

## **ABSTRACT**

This project aims to research and document how football shirts become objects of both personal and collective memory among fans in Pernambuco state, considering clothing not only as a technical and aesthetic object but also as a symbolic medium of identity, resistance, and belonging. The methodology involved interviews with shirt collectors and a theoretical framework based on Bernd Löbach's book *Industrial Design*, especially regarding the practical, aesthetic and symbolic functions of design. From this perspective, the study highlights how football shirt design operates as a creator of visual narratives and shared memories.

**Keywords:** Pernambuco state football. Individual and collective memory. Fashion design. Product design. Football fans. Fan identities. Club belonging.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Charles Miller entre os companheiros do S.P.A.C. 16  
Reprodução: Museu do Futebol. Fonte: TVT News.  
Disponível em:  
<https://tvtnews.com.br/ha-130-anos-o-futebol-chegava-ao-brasil>. Acesso em: 04 ago. 2025.
- Figura 2 – ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Fotografia de 19  
Rodrigo Pedrosa, colecionador e restaurador de camisas de  
futebol. Disponível em:  
<https://drive.google.com/file/d/1PtehjPmA4F57mrKGsoaOcOfVa34NCQMI/view?usp=sharing>. Acesso em: 04 ago.  
2025.
- Figura 3 – Modelo das primeiras camisas da seleção masculina 21  
de futebol do Brasil, em 1918. Fonte: MOLINERO, Cune et  
al. *Atlas mundial de camisas: a história, as lendas e as  
raridades nas cores de todas as seleções de futebol*. São  
Paulo: Planeta, 2022. p. 240.
- Figura 4 – Miguel do Carmo fez parte da primeira escalação da 22  
Ponte Preta.  
Fonte: GE GLOBO. *Democracia racial: trajetória de  
Miguel do Carmo inspira Ponte em busca de  
reconhecimento na Fifa*. ge.globo.com, 21 nov. 2023.  
Disponível em:  
<https://ge.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/times/ponte-preta/noticia/2023/11/21/democracia-racial-trajetoria-de-miguel-do-carmo-inspira-ponte-em-busca-de-reconheciment-o-na-fifa.ghtml> . Acesso em: 04 ago. 2025.
- Figura 5 – ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Camisa do 25  
Náutico, 1982. Disponível em:  
<https://drive.google.com/drive/folders/1qONHTQnLnnOALQOHQMwK2HAbtSmH1M7j?usp=sharing>. Acesso em: 04  
ago. 2025.
- Figura 6 – FOOTY HEADLINES. **Adidas TechFit PowerWeb** 26  
**2010 Kit Technology**. Footy Headlines, 2019. Disponível  
em:

<https://www.footyheadlines.com/2019/02/adidas-techfit-pow-erweb-2010-kit-technology.html>. Acesso em: 19 jul. 2025.

- Figura 7 – ONEFOOTBALL. *Torcida do Bayern inicia campanha por uniformes em vermelho e branco*. onefootball.com, 17 jul. 2024. Disponível em: <https://onefootball.com/pt-br/noticias/torcida-do-bayern-inicia-campanha-por-uniformes-em-vermelho-e-branco-21637465>. Acesso em: 04 ago. 2025. 28
- Figura 8 – ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Camisa banida do Clube Náutico Capibaribe, 1995. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1qcDz9sabWCEQqrPVWeV32BEBb5iopBhT/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1qcDz9sabWCEQqrPVWeV32BEBb5iopBhT/view?usp=drive_link). Acesso em: 04 ago. 2025. 29
- Figura 9 – ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Camisa do Clube Náutico Capibaribe confeccionada pela Penalty no ano de 1997. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1\\_Brc3D9XXRAzHPxKbSK6k3dfbrc\\_Aggv/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1_Brc3D9XXRAzHPxKbSK6k3dfbrc_Aggv/view?usp=drive_link). Acesso em: 04 ago. 2025. 30
- Figura 10 – MANTOS DO FUTEBOL. *Camisas do Sport Recife 2015-2016 Adidas*. 13 abr. 2015. Disponível em: <https://mantosdofutebol.com.br/2015/04/camisas-sport-recife-2015-2016-adidas>. Acesso em: 04 ago. 2025. 32
- Figura 11 e 12 – SOUZA, Rubens; DUARTE, William. *100 Mantos Sagrados Históricos*. 2014. 34
- Figura 13 – FOOTBALL KIT ARCHIVE. *Santa Cruz 1991 Home Kit*. Disponível em: <https://www.footballkitarchive.com/pt/santa-cruz-1991-home-kit/20697>. Acesso em: 04 ago. 2025. 34
- Figura 14 e 15 – SOUZA, Rubens; DUARTE, William. *100 Mantos Sagrados Históricos*. 2014. VARAL DA COBRA. Publicações sobre camisas históricas do futebol pernambucano. Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/varal.da.cobra>. Acesso em: 04 ago. 2025. 35

- Figura 16 - ACERVO PESSOAL DE RODRIGO. Camisa de goleiro do Sport, objeto-memória de seu primeiro jogo no estádio com o afilhado. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1bMxW\\_C3ygF9vF841mGhGusNVHCbTj\\_ZJ/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1bMxW_C3ygF9vF841mGhGusNVHCbTj_ZJ/view?usp=drive_link). Acesso em: 04 ago. 2025. 38
- Figura 17 - Globo Esporte PE. Amigos compartilham paixão em colecionar camisas do Sport. GLOBO. Globo Esporte, 2025. Vídeo (5 min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13224700/>. Acesso em: 22 jul. 2025. 39
- Figura 18 - Camisa retrô do Santa Cruz de 1993, “Cobra Coral” Fonte: MANTOS DO FUTEBOL. Camisa retrô do Santa Cruz 1993 “Cobra Coral”. Mantos do Futebol, 2019. Disponível em: <https://mantosdofutebol.com.br/2019/05/camisa-retro-santa-cruz-1993-cobra-coral/>. Acesso em: 19 jul. 2025. 40
- Figura 19 - SPORT CLUB DO RECIFE. *História*. Disponível em: <https://sportrecife.com.br/historia/>. Acesso em: 07 ago. 2025. 41
- Figura 20 - ARAGÃO, Lenivaldo. *O Náutico surgiu das regatas no Capibaribe*. Blog de Lenivaldo Aragão, 07 abr. 2021. Disponível em: <https://www.blogdelenivaldoaragao.com.br/2021/04/o-nautico-o-surgiu-das-regatas-no-capibaribe.html>. Acesso em: 07 ago. 2025. 42
- Figura 21 - SANTA CRUZ FUTEBOL CLUBE. *Dia Nacional da Consciência Negra*. Disponível em: <https://www.santacruzpe.com.br/dia-nacional-da-consciencia-negra>. Acesso em: 04 ago. 2025. 43
- Figura 22 - ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Carteira de sócio do Clube Náutico Capibaribe, 1950, em nome de Lauro de Oliveira Dias. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1qONHTQnLnnOALQOHQMwK2HAbtSmH1M7j?usp=sharing>. Acesso em: 04 ago. 2025. 44

Figura 23 -	ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Itens e materiais impressos, 2025. Disponível em: <a href="https://drive.google.com/drive/folders/1qONHTQnLnnOALQOHQMwK2HAbtSmH1M7j?usp=sharing">https://drive.google.com/drive/folders/1qONHTQnLnnOALQOHQMwK2HAbtSmH1M7j?usp=sharing</a> . Acesso em: 04 ago. 2025.	45
Figura 24 -	Paulo Gabriel Dias. Instagram, 09/03/2025 Disponível em: <a href="https://www.instagram.com/p/DHAFoEFNk3A/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/DHAFoEFNk3A/?img_index=1</a> . Acesso em: 04 ago. 2025.	46
Figura 25 -	ACERVO FAMILIAR. Foto de Rinaldo, Manga, Rildo e Nado convocados em 1966 para a seleção brasileira. Disponível em: <a href="https://drive.google.com/file/d/1CsncRGbjiuHtTcPnjo2WTHZrgbL3TB4B/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1CsncRGbjiuHtTcPnjo2WTHZrgbL3TB4B/view?usp=sharing</a> . Acesso em: 04 ago. 2025.	47
Figura 26 e 27 -	ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Coleção pessoal, temporadas de 2001 e 2004. Disponível em: <a href="https://drive.google.com/file/d/1CsncRGbjiuHtTcPnjo2WTHZrgbL3TB4B/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1CsncRGbjiuHtTcPnjo2WTHZrgbL3TB4B/view?usp=drive_link</a> . Acesso em: 04 ago. 2025.	48
Figura 28 -	ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Camisa do Sport usada na Libertadores de 2009, pelo jogador Igor. Disponível em: <a href="https://drive.google.com/file/d/1ldZbss7VOn5ENTov0kPOFh5sfWDJlaji/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1ldZbss7VOn5ENTov0kPOFh5sfWDJlaji/view?usp=sharing</a> . Acesso em: 04 ago. 2025.	49
Figura 29 -	ACERVO PESSOAL DO AUTOR. Camisa 0001, a primeira de todas as camisas comemorativas do centenário do Sport, 2005. Disponível em: <a href="https://drive.google.com/file/d/1ldZbss7VOn5ENTov0kPOFh5sfWDJlaji/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1ldZbss7VOn5ENTov0kPOFh5sfWDJlaji/view?usp=sharing</a> . Acesso em: 04 ago. 2025.	50
Figura 30 -	Colecionadores de camisas do Sport Club do Recife Fonte: SPORT CLUB DO RECIFE. Colecionadores de camisas do Sport: uma paixão que não se mede. Sport Recife, 2025. Disponível em: <a href="https://sportrecife.com.br/futebol/colecionadores-de-camisas">https://sportrecife.com.br/futebol/colecionadores-de-camisas</a>	51

- [-do-sport-uma-paixao-que-nao-se-mede](#). Acesso em: 22 jul. 2025.
- Figura 31 - Acervo histórico do Santa Cruz Futebol Clube 52  
 Fonte: ARQUIVO CORAL. Acervo digital do Santa Cruz Futebol Clube. Arquivo Coral, 2017. Disponível em: <http://www.arquivocoral.com.br/2017/02/>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- Figura 32 e 33 - LEONARDO. Acervo pessoal. Peças da coleção, 2025. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1aLD3Oj4zF9SAvZiQwJZUtK4vSyuPw9GO>. Acesso em: 04 ago. 2025. 53
- Figura 34 - ACERVO PESSOAL. Fotografia de Rodrigo Pedrosa, colecionador e restaurador de camisas de futebol. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1j8fJE2bwC49SVhu5DKMukNkAEa5gZZX5/view?usp=sharing>. Acesso em: 04 ago. 2025. 54
- Figura 35 - CLUBE NÁUTICO CAPIBARIBE. Exposição temporária para promoção do programa de sócios. Instagram, 2025. Disponível em: <http://instagram.com/Nauticope>. Acesso em: 04 ago. 2025. 56
- Figura 36 - ACERVO PESSOAL. Camisas da coleção, 2025. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/folders/1r4Ur1bdJZe4nClqgFWj2Ka\\_saTV08OWo?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1r4Ur1bdJZe4nClqgFWj2Ka_saTV08OWo?usp=sharing). Acesso em: 04 ago. 2025. 58
- Figura 37 - PINZÓN. Torcedores do Sport Clube do Recife comemoram 84 anos da Ilha do Retiro com visita guiada pelo estádio. Disponível em: <https://pinzon.com.br/torcedores-do-sport-clube-do-recife-comemoram-84-anos-da-ilha-do-retiro-com-visita-guiada-pelo-estadio>. Acesso em: 22 jul. 2025. 60



## SUMÁRIO

<b><u>1. INTRODUÇÃO</u></b>	<b>14</b>
<u>1.1. Contextualização</u>	
<u>1.2. Justificativa</u>	
<u>1.3. Objetivos gerais</u>	
<u>1.4. Objetivos específicos</u>	
<u>1.5. Metodologia de coleta</u>	
<b><u>2. REFERENCIAL TEÓRICO</u></b>	<b>21</b>
<b>A camisa de futebol como design industrial</b>	
<u>2.1 Função prática: A evolução na tecnologia dos tecidos nas camisas de futebol</u>	
<u>2.2 Função estética: Estatutos e a preservação da identidade clubística</u>	
<u>2.3 Função simbólica: Camisas como significado de memória e afetividade</u>	
<b><u>3. RELATO DAS MEMÓRIAS, CAMISAS E ENTREVISTAS</u></b>	<b>41</b>
Clube Náutico Capibaribe	
Sport Clube do Recife	
Santa Cruz Futebol Clube	
<b><u>4. A PRESERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DA HISTÓRIA VESTIDA</u></b>	<b>54</b>
<b><u>5. OBJETOS-MEMÓRIA: AFETOS E IDENTIDADES</u></b>	<b>57</b>
<u>5.1 Museologia do futebol: desafios e práticas na preservação da memória clubística</u>	
<b><u>6. CONCLUSÃO</u></b>	<b>61</b>
<u>6.1 Limitações da Pesquisa</u>	
<u>6.2 Possibilidades de Estudos Futuros</u>	
<b><u>7. REFERÊNCIAS</u></b>	<b>65</b>
<b><u>8. APÊNDICES</u></b>	<b>67</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender o papel das camisas de futebol na construção de memórias afetivas e coletivas entre torcedores pernambucanos. O vestuário é analisado não apenas como um objeto técnico e estético, mas também como um suporte simbólico de identidade, resistência e pertencimento. A pesquisa parte da compreensão de que a camisa de futebol ultrapassa sua função esportiva e se consolida como um objeto-memória, carregado de significados que conectam indivíduo, clube e comunidade.

A fundamentação teórica combina diferentes perspectivas. As funções do design (prática, estética e simbólica) propostas por Bernd Löbach em seu livro, *Design Industrial* (1976), orientam a análise. A teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990) permite compreender como as lembranças individuais dos torcedores são moldadas e reforçadas socialmente, inserindo a camisa como um elo entre indivíduo e grupo. Por sua vez, os estudos de Débora Krischke Leitão e Rosana Pinheiro-Machado (2010) ampliam essa abordagem ao discutir que “os objetos constroem as pessoas tanto quanto as pessoas fabricam objetos”, conferindo às camisas de futebol agência simbólica na produção de identidades e narrativas sociais.

Metodologicamente, a pesquisa adota entrevistas com colecionadores de camisas de clubes pernambucanos, reconhecendo-os como agentes centrais na preservação da memória visual e material do futebol local. Esses relatos foram interpretados à luz do referencial teórico, de modo a evidenciar como as camisas adquirem valor afetivo e simbólico, funcionando como testemunhos materiais da história e das experiências dos torcedores.

### 1.1 Contextualização

Esporte mais popular em todo o mundo, o futebol é uma paixão brasileira e, talvez, a grande forma de exportação da cultura nacional. Gilberto Freyre, antropólogo, sociólogo e escritor pernambucano, apesar de nunca ter dedicado inteiramente um título a esse tema, foi um dos primeiros cientistas sociais a escrever

sobre o futebol brasileiro e valorizá-lo enquanto objeto de análise, muito em virtude da sua ênfase no cotidiano. O esporte foi abordado por ele em artigos para jornais de Recife na década de 1930 ou em prefácios, como na obra de Mário Filho, "O negro no futebol brasileiro", onde relaciona a cultura do futebol com a identidade nacional. Essas ideias ajudaram a moldar a compreensão do futebol não apenas como um esporte, mas como um fenômeno social e cultural que reflete as complexidades da sociedade brasileira.

“O mulato brasileiro “deseuropeizou” o futebol dando-lhe curvas arredondadas e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que chamou os jogadores brasileiros de “bailarinos da bola”. Nós dançamos com a bola.”  
Freyre, Gilberto. Foot-ball mulato. Diário de Pernambuco, 17 jun. 1938, p. 4.

Os primeiros registros que se tem conhecimento datam do início de 1894, quando o inglês Charles Miller desembarcou no Brasil trazendo bolas, manuais esportivos e os primeiros uniformes para a prática do futebol. Hoje, 130 anos depois, os clubes de futebol são instituições centenárias que carregam muita história e a paixão de seus torcedores é o que mantém a memória viva de suas cores, símbolos e tradições.

Figura 1 - Charles Miller entre os companheiros do S.P.A.C.. Reprodução: Museu do Futebol.



Fonte: [tvnews.com.br](http://tvnews.com.br), 2015

Leitão e Pinheiro-Machado (2010) procuram analisar como a cultura material foi abordada na Antropologia e retratam o objeto como testemunha e símbolo de identidade. O texto discute como os objetos, ao longo de diferentes abordagens antropológicas, podem atuar como registro de épocas e momentos, além de servirem como símbolos que comunicam significados. As camisas de futebol funcionam de semelhante modo, simbolizando uma temporada ou remetendo a símbolos da própria cultura onde aquela entidade pertence.

## 1.2 Justificativa

Todos os anos, as grandes fornecedoras de material esportivo, como Nike, Adidas e Puma, lançam uma nova coleção de uniformes para os clubes, visando as competições da temporada. Esse lançamento é cercado de expectativas por parte dos torcedores e da própria comunidade esportiva. Para os designers, o processo criativo envolve um grande desafio: como criar algo visualmente inovador, que se diferencie dos modelos anteriores, sem comprometer a identidade do clube? A camisa precisa manter os elementos históricos e tradicionais que refletem a

essência do time, enquanto se moderniza e se adapta às normas de padronização e exigências técnicas.

Uma camisa de futebol vai além de ser um mero produto comercial. Agradar os torcedores é crucial para a aceitação e sucesso de uma nova camisa, seu êxito não depende apenas de ser um belo artefato de design. O desempenho do time com aquela camisa trará recordações boas ou ruins, e ficará marcada na memória de seus fãs. Um título marcante, um jogador que fez história no clube ou até um jogo específico pode tornar o uniforme um “objeto construtor”.

“(…) os objetos constroem as pessoas tanto quanto as pessoas fabricam objetos. E muito embora Fabian cite nessa categoria apenas autores como Miller, Appadurai, Gell e Clifford, acreditamos que alguns outros, por vezes situados em uma abordagem mais identificada ao “objeto signo”, também poderiam ser lidos como precursores dessa postura que concede às coisas poder de ação no mundo.” Leitão, Krischke; Pinheiro-machado, p. 236, 2010.

No contexto das camisas de futebol, isso reforça como esses objetos, além de sua função utilitária, atuam como agentes na construção de memórias dos clubes e de seus torcedores.

### **1.3 Objetivo Geral**

Este trabalho tem como objetivo compreender o papel das camisas de futebol na construção de memórias afetivas e coletivas com foco nos torcedores pernambucanos, considerando o vestuário não apenas como um objeto técnico e estético, mas como um suporte simbólico de identidade, resistência e pertencimento. Parte-se do entendimento de que a camisa de futebol ultrapassa sua função esportiva e se consolida como um objeto-memória, carregado de significados que conectam o indivíduo à história do clube e à cultura do futebol local.

#### **1.4 Objetivos Específicos**

- Análise da influência dos estatutos na definição de cores, símbolos e padrões que norteiam a criação das camisas.
- Identificação de casos em que mudanças estéticas foram bem recebidas ou geraram resistência entre torcedores e conselhos deliberativos.
- Investigação da ausência de políticas institucionais de preservação da memória material nos clubes pernambucanos.

#### **1.5 Metodologia de coleta**

Este projeto de pesquisa adota uma abordagem exploratória para a análise dos aspectos relacionados à construção de memórias por meio das camisas de futebol. A investigação foi realizada a partir de entrevistas com torcedores/colecionadores, visitação e estudos de caso de uniformes icônicos e históricos do consciente comum pernambucano e brasileiro, visando compreender como e quais desses elementos contribuem para a formação de memórias individuais e coletivas.

Figura 2 - Rodrigo Pedrosa, colecionador e restaurador de camisas de futebol.



Fonte: [Arquivo pessoal](#).

A pesquisa contou com a aplicação de princípios de design industrial e de produto para a apresentação clara e organizada dos dados recolhidos, além de abordar os significados simbólicos, estéticos e funcionais das camisas.

O contato com os colecionadores, que constituíram o núcleo central das entrevistas, ocorreu de forma progressiva, em grande parte a partir de redes de sociabilidade vinculadas ao próprio universo do futebol. O primeiro deles foi estabelecido durante a partida entre Náutico e Floresta, no estádio dos Afritos, quando, por intermédio de um amigo, conheci o perfil *Camisas PGD*, administrado por Paulo Gabriel Dias, que se tornou meu primeiro entrevistado. A partir dessa aproximação, Paulo Gabriel indicou Rodrigo Pedrosa, colecionador e restaurador de camisas de futebol, que passou a ser o segundo participante da pesquisa. Por meio dele, consegui expandir a rede de contatos e entrevistar outros colecionadores, como Dennys Lapenda, do Sport, e Leonardo Lima, do Santa Cruz, o que ampliou a diversidade das perspectivas reunidas. Esse processo evidencia como as próprias práticas de colecionismo e as relações entre torcedores favorecem a formação de redes colaborativas, fundamentais para a viabilização desta investigação.

As etapas do estudo incluem a identificação dos desafios presentes no design de camisas, assim como a preservação da identidade do clube. Além disso, será analisada a receptividade dos torcedores em relação a esses uniformes, levando em conta a capacidade de cada design de evocar emoções e reforçar a ligação afetiva entre o clube e seus adeptos. A construção de memória será um aspecto central, investigando como momentos marcantes vividos com determinadas camisas

Além disso, a análise dos aspectos de museologia aplicados ao futebol, especialmente no contexto pernambucano, onde os clubes frequentemente não dispõem de acervos históricos completos, carecendo de uniformes originais, registros visuais e documentação suficiente para a montagem de exposições ou museus oficiais abrangentes. Esse cenário faz com que a preservação da memória material do futebol dependa, em grande parte, da atuação de colecionadores e torcedores, que, por meio de acervos pessoais, redes sociais e eventos temáticos, assumem o papel de “museólogos informais” na manutenção da história e da preservação material dos clubes.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

A chegada do futebol ao Brasil, no final do século XIX, se deu em um contexto marcado por intensas transformações sociais. O país havia abolido a escravidão há apenas alguns anos e dava os primeiros passos na construção de sua identidade republicana. Nesse cenário, o futebol foi inicialmente introduzido como um esporte elitista, praticado pelas camadas mais altas da sociedade, influenciado diretamente por ingleses e brasileiros educados na Europa.

Acompanhando a organização das primeiras equipes e competições oficiais, os uniformes inicialmente tinham uma função puramente prática: diferenciar os times em campo. Eram confeccionadas em tecidos pesados, geralmente algodão, e possuíam cortes simples, com mangas compridas e botões frontais.

Figura 3 - Modelo das primeiras camisas da seleção masculina de futebol do Brasil, em 1918.



Fonte: MOLINERO, Cune et al. Atlas mundial de camisas: a história, as lendas e as raridades nas cores de todas as seleções de futebol. São Paulo: Planeta, 2022. (Pág 240).

O caso brasileiro é emblemático nesse sentido. Devido a restrições do Estado, o uso das cores verde e amarela, hoje amplamente reconhecidas como símbolos da seleção, era inicialmente proibido. Como registram os autores do livro “Atlas mundial de camisas” no prefácio da obra:

“...o maior campeão de todos, o Brasil, proibiu que as suas primeiras seleções usassem o verde e amarelo da bandeira. Foi preciso recorrer, em 1918, a uma camisa branca com detalhes em azul e vermelho nas mangas.” (Molinero et al., 2022, prefácio)

À medida que o futebol se expandia para além dos círculos aristocráticos nas primeiras décadas do século XX, as camisas dos clubes ganharam cores e padrões que passaram a simbolizar a identidade, tornando-se estandartes carregados de significado. Esse processo ocorreu paralelamente à inserção de operários, imigrantes e, posteriormente, jogadores negros nas equipes, inicialmente de forma marginalizada, mas com crescente protagonismo a partir dos anos 1920 e 1930.

Figura 4 - Miguel do Carmo fez parte da primeira escalação da Ponte Preta.



Fonte: [ge.globo.com](https://ge.globo.com), 2023.

Clubes como o Bangu, no Rio de Janeiro, e a Ponte Preta, em São Paulo, tornaram-se símbolos dessa nova fase popular do futebol brasileiro, rompendo com

o monopólio das elites e abrindo espaço para uma prática esportiva mais democrática.

Nesse contexto, a camisa deixou de ser apenas um instrumento de diferenciação tática e passou a atuar como suporte simbólico de pertencimento e resistência. O uso das cores, escudos e faixas começou a expressar não apenas o clube, mas também sua história, sua torcida e suas lutas. A esse respeito, Maurice Halbwachs (1990, p. 34), em “A memória coletiva”, afirma que:

“Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.”

Destacando o papel dos elementos compartilhados na construção da memória social.

Com o avanço da profissionalização do futebol, consolidada oficialmente em 1933, e o crescimento da cultura de massa ao longo do século XX, as camisas de futebol passaram por um processo de transformação que extrapolou o campo esportivo. O uniforme deixou de ser apenas um item funcional e passou a ser associado à moda, ao marketing e ao consumo, convertendo-se em um ícone cultural de massa, carregado de significados sociais, históricos e afetivos capazes de expressar pertencimento e memória.

Nesse contexto, a camisa de futebol pode ser compreendida a partir das três funções propostas por Bernd Löbach (prática, estética e simbólica) em sua obra “Design Industrial”. De acordo com o autor, um bom projeto deve atender aos

requisitos de uso e ergonomia, contemplar critérios visuais e simbólicos e refletir os valores culturais dos usuários.

“Os produtos possuem diversas funções, que podem ser hierarquizadas pela importância. (...) A função principal está sempre acompanhada de outras funções secundárias de acordo com as múltiplas necessidades e aspirações dos usuários.” Löbach, Bernd. Design Industrial: bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: Edgar Blücher, 1981.

## **2.1 Função prática: a evolução na tecnologia dos tecidos nas camisas de futebol**

As primeiras camisas utilizadas na prática do futebol eram confeccionadas, majoritariamente, com tecidos naturais, como o algodão. Embora confortáveis ao toque e resistentes ao desgaste, essas peças apresentavam limitações evidentes em relação às demandas físicas da prática esportiva. O algodão possui alta capacidade de absorção de umidade e baixa respirabilidade, o que fazia com que as camisas se tornassem pesadas durante as partidas, principalmente sob chuva ou em situações de intensa transpiração. Esse acúmulo de umidade afetava diretamente o desempenho dos atletas, comprometendo sua mobilidade e conforto térmico.

Ao longo do tempo, com os avanços da indústria têxtil e o desenvolvimento do esporte em nível profissional, iniciou-se a substituição gradual dos tecidos naturais por fibras sintéticas. Foi apenas no final da década de 1980 que o poliéster começou a substituir o algodão, marcando uma mudança decisiva no vestuário esportivo.

Figura 5 - Camisa do Náutico 1982. Produzida pela marca: Rainha, primeira em tecido misto. Algodão e poliamida.



Fonte: [Acervo Pessoal](#).

Este material, por sua vez, demonstrou maior adequação às exigências da prática esportiva, por apresentar características como leveza, resistência, rápida secagem e baixa absorção de suor. Além disso, sua superfície facilitava a aplicação de cores vibrantes, grafismos arrojados e patrocínios, abrindo espaço para uma estética mais ousada e comercialmente interessante. Nos anos 1990, a liberdade criativa dos designers de uniformes já era perceptível, com modelos cada vez mais distintos e funcionais.

À medida que a performance dos atletas passou a ser um foco central, surgiram tecidos inteligentes desenvolvidos para otimizar a evaporação do suor, proporcionando leveza, ventilação e liberdade de movimento. Um dos marcos desta evolução foi o lançamento da tecnologia Adidas TechFit PowerWeb, apresentada em 2009 para a Copa do Mundo de 2010. Com o objetivo de superar os padrões anteriores, essa inovação prometia camisas ainda mais leves, ajustadas ao corpo e com zonas de compressão estrategicamente posicionadas para melhorar o desempenho muscular. As faixas elásticas aplicadas ao tecido visavam oferecer suporte biomecânico, reduzindo a vibração muscular e otimizando a energia durante o jogo. A estética visual da camisa também se beneficiava dessa estrutura, combinando inovação com identidade visual.

Figura 6 - Detalhe da tecnologia Adidas TechFit PowerWeb em camisa de 2010.



Fonte: [Footy Headlines](#), 2019.

Nos últimos anos, a inovação tecnológica também tem sido acompanhada por uma preocupação ambiental crescente. Diversas marcas adotaram o uso de poliéster reciclado em suas confecções, reduzindo o impacto ambiental da produção têxtil. A introdução da tecnologia Ultraweave, por exemplo, com camisas pesando menos de 100 gramas, promove liberdade de movimento dos atletas.

Em síntese, a camisa de futebol deixou de ser um simples item de vestuário e passou a ser considerada um equipamento técnico de alta performance, resultado direto de avanços tecnológicos, exigências do esporte contemporâneo e transformações no modo como o futebol é vivenciado e explorado comercialmente.

## 2.2 Função estética: estatutos e a preservação da identidade clubística

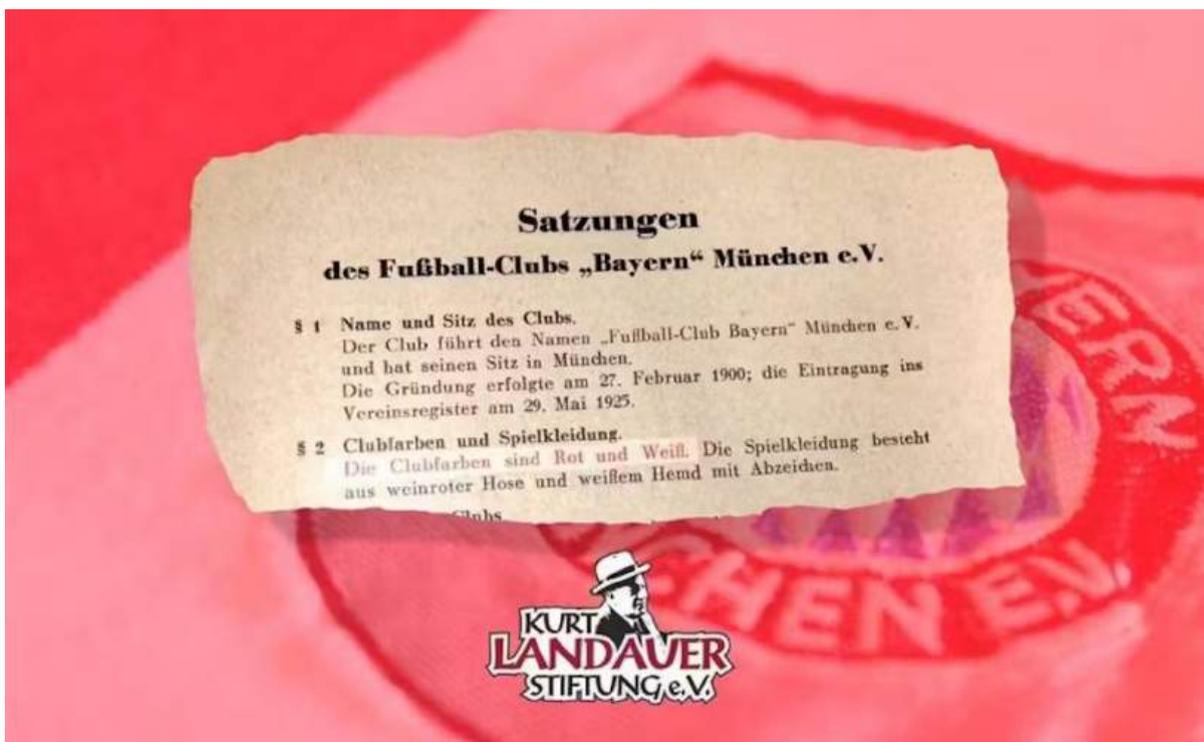
O uniforme de um clube de futebol ultrapassa a função de mero elemento visual. Ele é um componente central na construção simbólica da instituição e estabelece uma ponte entre a tradição e a inovação, refletindo visualmente a identidade cultivada ao longo de gerações. Nesse sentido, o design da camisa deve não apenas atender a critérios técnicos e estéticos, mas também obedecer aos parâmetros estabelecidos pelos estatutos dos clubes, que muitas vezes definem oficialmente cores, símbolos e a aparência geral dos uniformes.

A função estética, portanto, está diretamente vinculada à preservação da memória visual e simbólica da agremiação. As cores e padrões utilizados nas camisas não são escolhas arbitrárias, mas manifestações codificadas da história do clube, formalizadas juridicamente em seus documentos oficiais. Tal preocupação não se restringe ao futebol brasileiro, como demonstra o recente caso do FC Bayern de Munique, na Alemanha.

Torcedores do Bayern iniciaram uma campanha pedindo o retorno do uniforme tradicional em vermelho e branco, em reação ao uso frequente de cores alternativas nos jogos. A mobilização teve como base o próprio estatuto do clube, que define de forma inequívoca as cores oficiais da instituição:

“As cores do clube são vermelho e branco. Isso está determinado no primeiro parágrafo do estatuto do FC Bayern de Munique. As cores do clube e, dessa forma, a aparência do uniforme de jogo criam reconhecimento e são a manifestação da identidade do clube” (Araújo, 2018).

Figura 7 - Trecho do primeiro parágrafo do estatuto do Bayern de Munique.



Fonte: [OneFootball](https://www.onefootball.com), 2018.

O episódio evidencia como o estatuto não é apenas um documento formal, mas também um instrumento de defesa da identidade clubística perante decisões mercadológicas ou tendências de design que eventualmente rompem com a tradição. Esse tipo de embate, entre inovação estética e preservação simbólica, também se reflete nos clubes pernambucanos, cujos estatutos estabelecem diretrizes claras sobre a composição visual de seus uniformes.

### Trecho do estatuto do Clube Náutico Capibaribe

No artigo 4º do estatuto, as cores vermelho e branco são claramente estabelecidas, presentes tanto no remo, esporte que originou o clube, quanto no futebol. O primeiro padrão de camisa possui listras verticais, enquanto o segundo geralmente tem predominância do branco sobre o vermelho, e mais recentemente, o inverso no terceiro uniforme. Os calções e meiões também

seguem as cores vermelha ou branca (Clube Náutico Capibaribe, 2015).

Entre os exemplos mais emblemáticos da relação entre design e regulação estatutária está a camisa do Clube Náutico Capibaribe referente ao ano de 1995, modelo fabricado pela Kyalami com patrocínio da Coca-Cola. Trata-se de uma peça extremamente rara, identificada como utilizada em apenas duas ou três partidas oficiais.

Figura 8 - Camisa banida do Clube Náutico Capibaribe, em 1995.



Fonte: [Acervo pessoal](#).

Segundo relatos de colecionadores, o modelo foi retirado de circulação após deliberação do Conselho Deliberativo do clube, que considerou que o padrão de listras adotado violava as diretrizes previstas no estatuto da instituição. A disposição das listras na camisa não correspondia ao padrão tradicional e oficial do clube, o que resultou em sua proibição. Por essa razão, trata-se de uma das camisas mais difíceis de se encontrar entre os uniformes de jogo do período, tornando-se uma peça de alto valor histórico e simbólico para o acervo alvirrubro.

Outro exemplo significativo da tensão entre design de uniformes e identidade visual institucional, foi a primeira camisa do Náutico confeccionada pela Penalty no ano de 1997, modelo conhecido entre colecionadores como “Black Number”. A peculiaridade desse uniforme reside no fato de que a fornecedora cometeu um erro no projeto gráfico da peça ao utilizar a numeração preta nas costas, em desacordo com o padrão tradicional do clube.

Figura 9 - Camisa do Clube Náutico Capibaribe confeccionada pela Penalty no ano de 1997.



Fonte: [Acervo pessoal](#).

O equívoco teria ocorrido porque a Penalty utilizou como base o template da camisa do Grêmio, cuja numeração preta contrastava com o fundo azul. O mesmo erro afetou também o uniforme do Fortaleza Esporte Clube naquele ano. A escolha da cor dos números gerou ampla rejeição por parte das torcidas dos dois clubes, pois ambos os clubes possuem rivais que estampam a cor preta em seus uniformes e distintivos.

Apesar da repercussão negativa, o primeiro lote da camisa chegou a ser comercializado e distribuído. No entanto, registros indicam que o Náutico utilizou oficialmente o uniforme em apenas uma partida, sem que haja documentação fotográfica ou audiovisual comprovando o uso em campo. A raridade e o episódio

em torno de sua retirada precoce conferem a essa peça um valor histórico especial dentro da memória visual do clube.

### **Trecho do estatuto do Sport Clube do Recife**

O Artigo 7º do estatuto define que, em competições esportivas, os atletas de todas as modalidades devem usar o uniforme oficial com o escudo do Sport no lado esquerdo do peito. O padrão principal da camisa é composto por faixas horizontais alternadas nas cores preta e vermelha, acompanhadas de calção branco ou preto e meias pretas. Além disso, o parágrafo 2º do mesmo artigo permite que a Diretoria Executiva delibere a criação de outros uniformes, produtos e acessórios para promover a "marca" do Sport, desde que sempre respeitem as finalidades institucionais do clube e preservem sua imagem e bom conceito (Sport Club do Recife, 2024).

Como evidenciado no parágrafo 2º, essa flexibilidade estatutária foi evidenciada em 2015, quando um uniforme comemorativo de listras verticais, elaborado pela fornecedora Adidas em alusão aos 110 anos do clube, foi aprovado de forma unânime pelo Conselho Deliberativo.

Figura 10 - Camisa do Sport Clube do Recife usado na temporada de 2015.



Fonte: <https://mantosdofutebol.com.br/2015/04/camisas-sport-recife-2015-2016-adidas>

A decisão gerou repercussão entre os torcedores, já que o padrão fugia à tradicional disposição horizontal das faixas rubro-negras. Segundo Adilson Castelo, então vice-presidente do Conselho Deliberativo:

“Foram aprovadas três camisas na época em que o marketing levou o assunto para o presidente Martorelli e para o conselho e nós aprovamos as três. Não fere o estatuto (o fato de uma das camisas ter listras verticais). A gente já aprovou outros padrões sem listras horizontais também” (Redação Superesportes/Diário de Pernambuco, 2015)

O episódio ilustra como a função estética da camisa pode ser reinterpretada dentro dos limites legais, evidenciando a tensão entre inovação e tradição, e

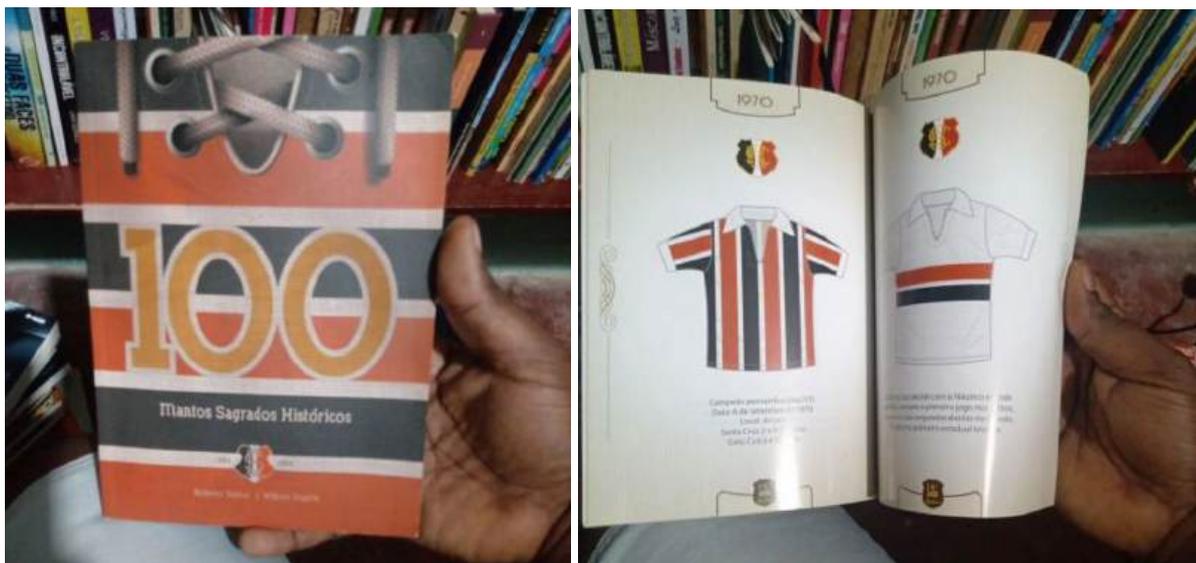
reafirma o papel do estatuto como instrumento de mediação entre identidade histórica e estratégias de comunicação visual.

### **Trecho do estatuto do Santa Cruz Futebol Clube**

O Artigo 6º do estatuto detalha os uniformes do clube. O uniforme 1 consiste em uma camisa com as cores do clube dispostas horizontalmente, com a listra branca proporcionalmente mais estreita, escudo no peito esquerdo, calção preto e meias brancas. O uniforme 2 é uma camisa toda branca, com listras preta, branca e vermelha na altura do peito, seguindo as demais determinações do uniforme 1. Já o uniforme 3 apresenta camisa de listras verticais, mantendo a mesma proporcionalidade e demais determinações do uniforme 1. O parágrafo único permite o uso diferenciado dos uniformes, desde que atenda aos interesses institucionais do clube (Santa Cruz Futebol Clube, 2022).

Na obra “100 Mantos Sagrados Históricos”, lançada em 2014 e escrita por Rubens Sousa e William Duarte, apresenta uma rica documentação dos uniformes utilizados pelo Santa Cruz Futebol Clube em seus 100 anos de história.

Figuras 11 e 12 - Imagens da capa e conteúdo do livro: 100 Mantos Sagrados Históricos, 2014.



Fonte: [shopee.com.br/Livro-100-Mantos-Sagrados-Hist](https://shopee.com.br/Livro-100-Mantos-Sagrados-Hist).

Entre os modelos mais controversos está a camisa “Cardiograma” de 1991, cuja disposição das cores gerou divergências na torcida por apresentar elementos onde o vermelho e o preto se tocam, combinação tradicionalmente evitada por parte da torcida coral, como forma de diferenciação do rival Sport Club do Recife.

Figura 13 - Camisa do Santa Cruz de 1991, modelo conhecido popularmente como “cardiograma”.



Fonte: [FOOTBALL KIT ARCHIVE](https://www.footballkitarchive.com/). Santa Cruz 1991 Home Kit.

Embora essa regra não esteja formalmente registrada no estatuto, tornou-se uma convenção estética e simbólica dentro do imaginário coletivo do clube.

Figuras 14 e 15 - Imagens do livro: 100 Mantos Sagrados Históricos.



Fonte: Instagram [Varal da cobra](#), 2025.

Em entrevista realizada com Agenildo, responsável pela página: “varal da cobra” no Instagram e colecionador de cerca de 200 a 220 peças de vestuário do Santa Cruz Futebol Clube, não há transparência detalhada no processo de aprovação de novos uniformes.

Agenildo acredita que a aprovação esteja a cargo do departamento de marketing e da diretoria executiva. Na entrevista, o colecionador explicou que o padrão de listras nas camisas do Santa Cruz alternou entre horizontais e verticais ao longo das décadas, com base em registros históricos. Ele afirmou que:

“O padrão estatutário vigente é de listras horizontais com predominância da branca, mas temos registros desde os anos 1940 de listras verticais. Na década de 70 e 80 o padrão oficial chegou a ser com listras verticais.”

Ou seja, embora o estatuto atual defina a camisa tradicional com listras horizontais, há uma trajetória histórica de alternância, especialmente nos anos 70 e 80, quando o padrão vertical das listras foi mais adotado.

O colecionador reforça ainda que preservar a memória visual do clube requer mais do que a exposição de troféus, sugerindo a valorização de iniciativas como visitas guiadas e acervos com apoio institucional, que possam sistematizar e tornar público o patrimônio simbólico do Santa Cruz.

Desse modo, a função estética da camisa de futebol é múltipla: ela comunica, representa, inova e vende. O design, nesse contexto, torna-se uma linguagem visual que sintetiza passado, presente e futuro do clube em uma peça de vestuário que vai muito além do campo.

### **2.3 Função simbólica: camisas como significado de memória e afetividade**

A camisa de futebol é carregada de símbolos, significados e tradições. Ela representa a história, os valores e as conquistas do clube. Além disso, cria uma conexão emocional entre o time e seus torcedores, funcionando como um objeto de memória coletiva e identidade. Mais do que um item têxtil ou um símbolo gráfico, a camisa atua como artefato de comunicação não verbal em suas cores e formas e uma “cápsula do tempo” para episódios marcantes da vida dos clubes e dos próprios torcedores.

A relação emocional com a camisa muitas vezes se constrói desde a infância, seja pelo ato de ganhá-la de um familiar, de usá-la ao ir ao estádio pela primeira vez ou de vesti-la em datas marcantes, como um título conquistado ou uma partida

histórica. Esses momentos, guardados na memória afetiva, criam uma espécie de arquivo íntimo, em que a camisa se torna o gatilho para reviver emoções.

Essa dimensão simbólica é claramente ilustrada no relato de Rodrigo Pedrosa, colecionador e restaurador de camisas de futebol. Ao descrever sua extensa coleção de camisas de goleiro, ele menciona a camisa do goleiro Caíque França, do Sport Club do Recife. Embora o jogador não tenha grande relevância ou história significativa no clube, a camisa ganha um valor inestimável para Rodrigo por um motivo totalmente pessoal e afetivo: ela foi a peça utilizada no primeiro jogo de futebol que ele assistiu com seu afilhado no estádio da Ilha do Retiro. Neste caso, o objeto transcende seu valor esportivo ou estético e se torna um símbolo tangível de uma memória familiar e de um momento único, destacando como a camisa de futebol pode materializar sentimentos e fortalecer laços afetivos que vão além do campo.

Figura 16 - Camisa de goleiro do Sport e objeto-memória do primeiro jogo de Rodrigo com o seu afilhado no estádio.



Fonte: [Arquivo pessoal](#).

Outro exemplo marcante da dimensão afetiva das camisas de futebol pode ser observado no relato de Dennys Lapenda, torcedor do Sport Club do Recife e um dos maiores colecionadores do estado, com um acervo que ultrapassa 800 camisas entre peças de jogo, treino e loja. Apesar da grandeza de sua coleção, composta por itens raros e historicamente relevantes, Dennys atribui o maior valor afetivo à primeira camisa que recebeu como presente por seu pai.

Figura 17 - Dennys Lapenda e a camisa do Sport de 1995 presenteada por seu pai.



Fonte: [Globo Esporte PE](#). Amigos compartilham paixão em colecionar camisas do Sport.

Em entrevista para o Globo Esporte Pernambuco, Dennys destaca que sua trajetória como colecionador teve início com um presente de seu pai, torcedor do rival Santa Cruz.

“Comecei através do presente que meu pai me deu. Uma camisa do Sport de 1995, a qual guardo até hoje como a principal e mais importante de todas”

A peça representa mais do que uma lembrança esportiva: simboliza um elo familiar e, apesar da rivalidade, a união pelo futebol. Para Dennys, essa camisa é a mais significativa, pois carrega não apenas a paixão pelo clube, mas também sentimentos de afeto, memória e pertencimento, reforçando como os uniformes transcendem o campo e se tornam verdadeiros objetos de identidade emocional.

A memória coletiva também se expressa por meio da camisa. Uniformes associados a conquistas históricas, como um título estadual ou um acesso para a

primeira divisão, passam a ser reverenciados e resgatados na memória dos torcedores. O design de determinadas camisas torna-se, assim, inseparável de contextos emocionais vividos coletivamente, reforçando os laços entre clube, torcida e território.

Figura 18 - Em 2019 a marca Cobra Coral, fornecedora própria de material esportivo do Santa Cruz, lançou uma camisa retrô que homenageia a usada no título de 1993.



Fonte: [mantosdofutebol.com.br](http://mantosdofutebol.com.br), 2019.

Portanto, a função simbólica da camisa de futebol reside em sua capacidade de associar memória, identidade e afeto.

### 3. RELATO DAS MEMÓRIAS, CAMISAS E ENTREVISTAS

O futebol pernambucano surgiu em um contexto de modernização urbana e influência europeia, marcado pelo desejo das elites locais de se alinharem aos valores considerados modernos e cosmopolitas. Como observa Lima (2013), o esporte foi inicialmente adotado por jovens da elite recifense que estudaram na Europa, e praticado como símbolo de distinção social.

Nesse cenário, o futebol ganha espaço como prática moderna e exclusiva, sendo incorporado por clubes e instituições voltadas ao lazer das elites. O marco inicial desse processo em Pernambuco é a criação do Sport Club do Recife, em 1905, com um departamento voltado a esportes como o futebol, o cricket e o rugby. Esse movimento culmina, em 1915, na fundação da Liga Sportiva Pernambucana (LSP), responsável por organizar os primeiros campeonatos oficiais entre clubes locais. A partir dessa institucionalização, o futebol passa a se consolidar como prática esportiva relevante no estado, iniciando também seu lento processo de popularização entre as camadas populares, que viriam a ressignificar o esporte em sua própria lógica cultural e afetiva.

Figura 19 - Sport Club do Recife, 1905.



Fonte: [sportrecife.com.br/historia](http://sportrecife.com.br/historia)

Já a origem do Clube Náutico Capibaribe remonta a 1897, quando remadores liderados por João Victor da Cruz Alferra realizaram uma regata no Rio Capibaribe, popularizando a modalidade no Recife. Entre 1905 e 1906, o remo passou a dividir espaço com o futebol, prática introduzida por um grupo de ingleses que formou a primeira equipe alvirrubra, realizando partidas no campo de Santana e na campina do Derby.

Figura 20 - O Náutico surgiu das regatas no Capibaribe



Fonte: [blogdelenivaldoaragao.com.br](http://blogdelenivaldoaragao.com.br)

Excluídos dos clubes da elite recifense, o Santa Cruz, já nasceu como clube de futebol em 1914, fundado por 11 jovens da Boa Vista e vestindo camisas nas cores preta e branca. Entre eles, destacava-se Teófilo de Carvalho, primeiro jogador negro a atuar em um clube de futebol nas regiões Norte e Nordeste, cuja presença ajudou a aproximar a equipe das camadas populares. Com uma identidade marcada pela diversidade social e pelo forte vínculo comunitário, o “Time do Povo” rapidamente se tornou símbolo de representatividade no cenário esportivo pernambucano.

Figura 21 - Santa Cruz Futebol Clube, 1914.



Fonte: [santacruzpe.com.br](http://santacruzpe.com.br)

### **Paulo Gabriel Dias, Colecionador do Náutico**

No dia 11 de julho de 2025, foi realizada uma visita à coleção particular de camisas do Clube Náutico Capibaribe mantida pelo torcedor Paulo Gabriel Dias. A paixão pelo clube é uma herança familiar, remontando ao seu bisavô, sócio do Náutico na década de 1950, conforme registra sua antiga carteirinha.

Figura 22 - Carteira de sócio do Clube Náutico Capibaribe de 1950 em nome de Isauro de Oliveira Dias.



Fonte: [Acervo pessoal](#).

Logo na entrada da residência, chama atenção um espaço inteiramente dedicado ao clube, por ele denominado “altar alvirrubro”. A coleção, organizada cronologicamente, reúne camisas de diversas décadas e, segundo o colecionador, já ultrapassa 500 peças.

Figura 23 - Itens e materiais impressos da coleção pessoal de Paulo Gabriel Dias, 2025.



Fonte: [Acervo pessoal](#).

Embora sempre tenha se interessado por camisas do clube, Paulo afirma que só se reconheceu como colecionador após conhecer Ronaldo Ramos, também torcedor e filho de Ramos, autor do gol do hexacampeonato. A partir desse contato, adquiriu sua primeira peça como colecionador consciente: uma camisa da marca Kayalami.

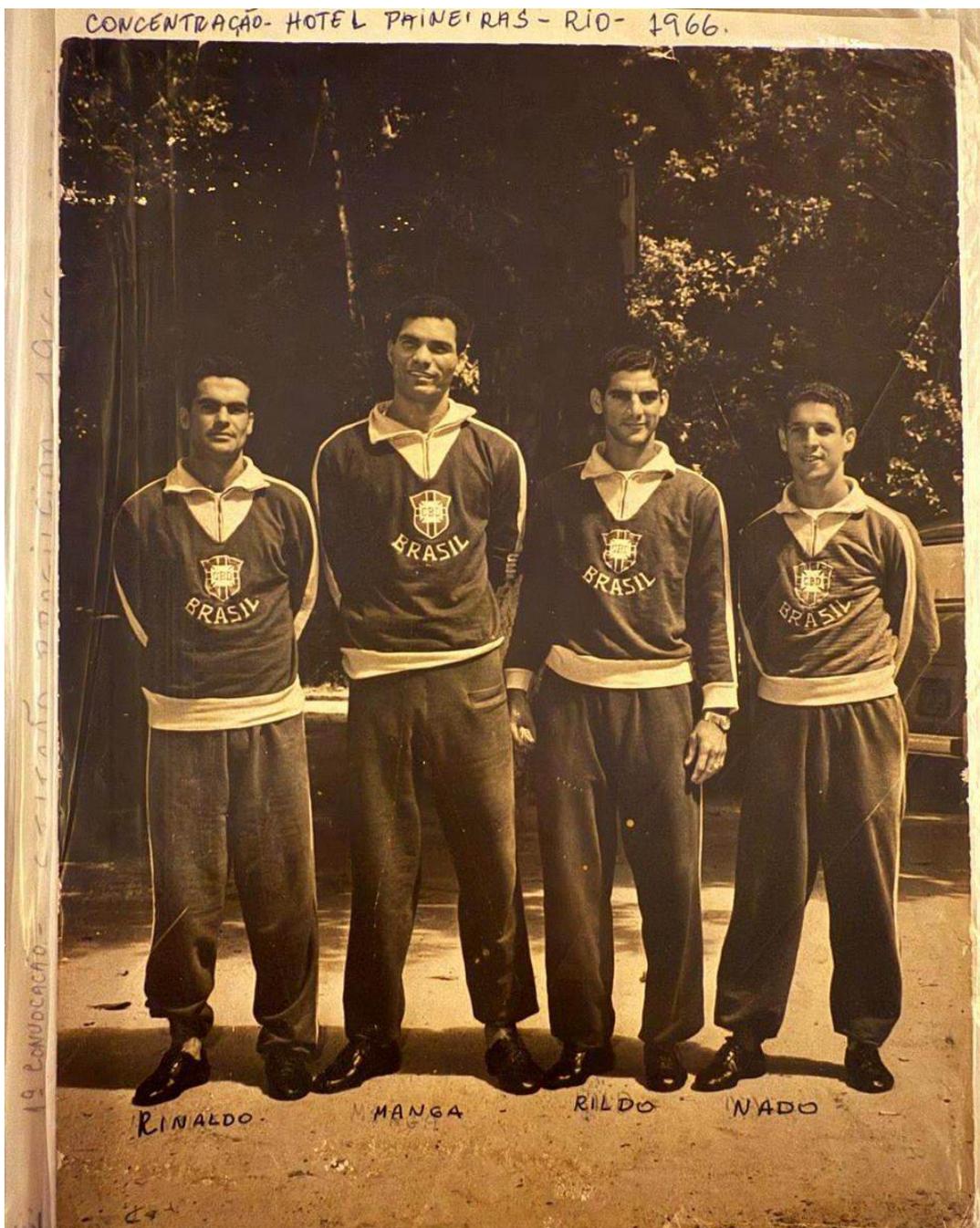
Figura 24 - Parte da coleção pessoal de Paulo Gabriel Dias, 2025.



Fonte: [Acervo pessoal](#).

Paulo organiza sua coleção de camisas do Clube Náutico Capibaribe de forma cronológica, contemplando peças representativas de diferentes décadas. Durante a entrevista, ele apresenta, com destaque, aquela que considera uma verdadeira relíquia: uma camisa utilizada por Nado, ponta-direita do clube, durante parte da campanha do hexacampeonato pernambucano. Nado transferiu-se para o Vasco da Gama em 1966 e chegou a ser convocado para a pré-lista da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo, mas não participou da competição devido à concorrência pela posição com Garrincha.

Figura 25 - Rinaldo, Manga, Rildo e Nado convocados em 1966 para a seleção brasileira.



Fonte: [@camisaspqd](https://www.instagram.com/camisaspqd) Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/camisaspqd>

Essa peça foi adquirida por Paulo junto à neta de Nado, Raquel Lasalvia, residente em Brasília, que também é sobrinha-neta de Bitá, outro ídolo histórico do clube alvirrubro e irmão de Nado. Após longas negociações, Raquel foi convencida a ceder a camisa, que atualmente integra o acervo de Paulo, sendo considerada por ele o ponto alto de sua coleção.

No campo da memória afetiva, Paulo destaca duas camisas de grande significado pessoal, atualmente preservadas emolduradas na parede de seu quarto.

Figuras 26 e 27 - Coleção de Paulo Gabriel Dias, temporadas de 2001 e 2004.



Fonte: [Acervo Pessoal](#).

A primeira é uma camisa branca da marca Finta, utilizada por Danilo na primeira partida da final do Campeonato Pernambucano de 2001, realizada nos Aflitos contra o Santa Cruz. Na ocasião, o jogador marcou um dos gols da vitória por 2 a 1, e a peça foi adquirida diretamente junto a ele pelo colecionador. A segunda é a camisa utilizada por Jorge Henrique, camisa 9 do Náutico, na partida que garantiu o título estadual de 2004. Diferentemente da anterior, esta peça chegou ao acervo de forma indireta: foi encontrada pelo filho de Paulo na casa do avô, ex-sogro do colecionador, que fora vizinho do jogador e recebeu o uniforme como presente. Ambas representam momentos emblemáticos da história recente do clube.

Apesar do esforço individual na preservação dessas memórias, Paulo lamenta a falta de valorização institucional por parte do clube, destacando as condições precárias do museu oficial. Para manter seu acervo, adota medidas como a exposição periódica das camisas ao sol e o uso de capas plásticas para as peças mais antigas. Ressalta ainda que, na comunidade de colecionadores, a raridade de uma camisa está associada à sua escassez e não necessariamente à presença de autógrafos, exceto quando assinadas por figuras de grande importância.

## Dennys Lapenda, colecionador do Sport

Primariamente via mensagem de texto consegui contactar Dennys Lapenda, que possui mais de 800 camisas do Sport Clube do Recife. Dennys administra uma página dedicada à sua coleção no Instagram e já foi destaque em veículos da imprensa local, apresentando seu vasto acervo do clube rubro-negro pernambucano.

Ao visitar pessoalmente tive dimensão da coleção de Dennys composta, majoritariamente, por camisas de jogo, que ele não utiliza no dia a dia, preservando-as com o auxílio de cabides e sacos protetores específicos. Durante a entrevista, Dennys destacou o valor e a história por trás de algumas de suas peças mais raras. Ele compartilhou o resgate de uma camisa de jogo da Libertadores, utilizada em uma partida contra o Palmeiras, a única a ter sido usada com o patrocínio da CNA cursos de inglês, e na ocasião foi vestida pelo jogador Igor. Esse item raro ele encontrou com um flanelinha que vestia a camisa e o vendeu por R\$150 na época.

Figura 28 - Camisa do Sport usada na libertadores de 2009, pelo jogador Igor.



Fonte: [Acervo pessoal](#).

Outro ponto alto da conversa foi a exposição das camisas de comemoração do centenário. Dennys mencionou que as camisas de manga longa foram produzidas em edição extremamente limitada, com apenas cerca de 30 exemplares. No entanto, o item mais especial de sua coleção é a camisa 0001, a primeira de todas as camisas do centenário a ser produzida. Para ele, essa peça representa um valor inestimável e uma história que não pode ser perdida.

Figura 29 - Camisa 00001, a primeira de todas as camisas comemorativas do centenário do Sport, 2005.



Fonte: [Acervo pessoal](#).

Para ele, a raridade de uma camisa está associada à sua antiguidade, ao jogador que a utilizou, à marca de fabricação e ao contexto histórico do time que a vestiu. A obtenção dessas peças ocorre por meio de sites especializados, trocas com outros colecionadores e contatos pessoais.

Figura 30 - Dennys Lapenda e parte de sua coleção



Fonte: [sportrecife.com.br](http://sportrecife.com.br), Colecionadores de camisas do Sport: uma paixão que não se mede

Quando questionado sobre a aprovação de novos uniformes, Dennys reconhece que desconhece detalhes do processo, mas acredita que este esteja fundamentado no estatuto do clube, cujas normas e padrões podem ser consultados junto ao conselho deliberativo do Sport. Para ele, a memória do clube poderia ser melhor preservada com a criação de um museu institucional, valorizando jogadores que marcaram época e implementando programas voltados para engajar novos torcedores, especialmente crianças e famílias.

### **Leonardo Lima, colecionador do Santa Cruz**

Leonardo Lima iniciou sua trajetória como colecionador entre os anos de 2008 e 2009, voltando-se inicialmente para camisas third, o terceiro padrão dos clubes. Sua primeira aquisição do Santa Cruz Futebol Clube foi a primeira edição da camisa Fita Azul, lançada em cinco oportunidades, em anos não necessariamente consecutivos.

Figura 31 - Terceiro uniforme do Santa Cruz, 2009.



Fonte: [arquivocoral.com.br](http://arquivocoral.com.br), 2017

Durante os primeiros anos de coleção, Leonardo usava as camisas com frequência no cotidiano, inclusive para o trabalho. Atualmente, mantém esse hábito apenas ocasionalmente, priorizando a preservação das peças, sobretudo porque, segundo ele, os modelos mais recentes, especialmente os produzidos a partir de 2016, apresentam qualidade inferior de material e acabamento. Com o passar do tempo, o Santa Cruz tornou-se seu foco principal e único na coleção.

A preservação das camisas é um desafio, em especial por conta da umidade característica de Recife, que provoca mofo e mau cheiro. Leonardo reconhece que não consegue dedicar o tempo necessário à conservação adequada do acervo. Ele destaca que o ideal seria lavar as camisas periodicamente, expô-las ao sol para secagem e guardá-las em cabides apropriados, que evitam o estiramento do tecido, ou em sacos a vácuo. Contudo, na prática, suas peças permanecem armazenadas em caixas plásticas comuns, sem a organização que considera adequada.

Figura 32 e 33 - Peças da coleção de Leonardo.



Fonte: [Arquivo pessoal](#).

Em relação à obtenção de camisas preparadas para jogo, Leonardo afirma não ter contatos dentro do clube que facilitem o acesso a essas peças, normalmente adquiridas por meio de relações com roupeiros, membros da equipe médica, massagistas ou jogadores.

Ao refletir sobre os critérios que definem a raridade de uma camisa, Leonardo observa que modelos de jogo preparados ou efetivamente utilizados tendem a ser naturalmente mais valorizados. Peças comemorativas, de uso exclusivo em uma partida ou que contenham patrocínios únicos, tornam-se ainda mais raras. Ele enfatiza que a noção de raridade geralmente é construída a posteriori, associada ao contexto de momentos específicos, como o desempenho de um atleta em determinada partida.

#### 4. A PRESERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DA HISTÓRIA VESTIDA

No dia 18 de julho de 2025, foi realizada uma visita ao estúdio de restauração de camisas de futebol localizado no bairro de Afogados, Recife, sob a administração de Rodrigo Pedrosa. O profissional atua na reaplicação de patrocínios e personalizações em peças históricas, buscando preservar ao máximo a autenticidade dos uniformes. Em grande parte dos casos, o trabalho demanda extensa pesquisa em registros fotográficos, Rodrigo destacou a dificuldade de encontrar referências confiáveis para camisas antigas, bem como catálogos oficiais com informações precisas sobre cores, tipografias e elementos gráficos utilizados pelos clubes em diferentes épocas.

Essa realidade evidencia o caráter descentralizado da preservação da memória futebolística, sustentada majoritariamente por esforços individuais de colecionadores, restauradores e admiradores, que buscam manter viva a história e a identidade visual dos clubes pernambucanos.

Figura 34 - Rodrigo Pedrosa, colecionador e restaurador de camisas de futebol.



Fonte: [Arquivo pessoal.](#)

De acordo com o entrevistado, a preservação histórica nos clubes brasileiros, especialmente no que se refere a registros visuais e uniformes, apresenta-se de forma precária. Não há, segundo ele, clubes nacionais com museus ou iniciativas estruturadas de preservação que mereçam destaque. O entrevistado afirma:

“Não me vem à memória nenhum clube brasileiro que tenha um investimento em preservação que encha os olhos. No que diz respeito a uniformes, registros históricos e fotos de jogos, a preservação se limita principalmente a troféus e, mesmo assim, alguns clubes os mantêm ‘jogados numa sala qualquer’. Se não fossem os colecionadores, eu diria que não existiria história, registro histórico, dos clubes brasileiros quase 80%, 90%.”

Figura 35 - Exposição temporária do Clube Náutico Capibaribe para promoção do programa de sócios.



Fonte: [Instagram.com/Nauticope](https://www.instagram.com/Nauticope), 2024

Rodrigo reconhece algumas iniciativas recentes, embora modestas, nas quais clubes têm se aproximado de colecionadores para realizar pequenas exposições temporárias. Essas ações, embora esporádicas e sem continuidade, representam um início tímido na tentativa de resgatar a memória visual das agremiações, permanecendo distante de uma política estruturada e permanente de preservação.

## 5. OBJETOS-MEMÓRIA: AFETOS E IDENTIDADES

A análise das entrevistas evidencia que a camisa de futebol transcende sua função utilitária, assumindo papel central na construção da memória afetiva e coletiva dos torcedores pernambucanos. Mais do que um item têxtil, a camisa atua como uma extensão um artefato carregado de simbolismo, materializando sentimentos da vida dos clubes e dos próprios torcedores em suas cores e formas.

Esses relatos demonstram que a camisa de futebol não apenas comunica visualmente uma filiação clubística, mas permite ao torcedor carregar consigo no corpo, na parede do quarto ou guardada em uma gaveta um pedaço da sua própria história, entrelaçada à trajetória do clube que escolheu amar. Essa dimensão simbólica e emocional está diretamente ligada à maneira como os indivíduos constroem suas lembranças em conjunto com os grupos sociais dos quais fazem parte. Como já apontava Maurice Halbwachs, a memória individual é moldada coletivamente, sendo reforçada por vínculos sociais e experiências compartilhadas. Assim, ao vestir uma camisa, o torcedor não apenas reafirma sua identidade pessoal, mas também se insere em uma rede de pertencimento coletivo que sustenta e atualiza sua memória, vinculando-a à história do clube, de sua cidade e de sua comunidade.

Figura 36 - Camisas enquadradas na coleção de mais de 800 peças de Dennys Lapenda.



Fonte: [Arquivo pessoal](#).

Funcionando como elo entre passado, presente e futuro, os acervos pessoais analisados reforçam que a memória do futebol pernambucano encontra nos colecionadores seus principais guardiões. Por meio de suas coleções, esses indivíduos preservam não apenas objetos materiais, como camisas, ingressos e fotografias, mas também narrativas, afetos e símbolos que ultrapassam o valor estético ou funcional dos itens. Cada peça guardada carrega consigo fragmentos de partidas históricas, conquistas, derrotas, rivalidades e momentos únicos vividos no calor das arquibancadas ou diante da televisão.

Nesse sentido, o colecionador atua como um curador não institucional, cuja dedicação assegura a transmissão dessas memórias às futuras gerações, sobretudo diante da ausência de políticas estruturadas de preservação por parte dos clubes.

### **5.1 Museologia do futebol: desafios e práticas na preservação da memória clubística**

Esse projeto de pesquisa também revelou um cenário de fragilidade institucional na preservação da memória material dentro dos clubes pernambucanos.

Uniformes históricos, registros fotográficos e documentos essenciais à composição de acervos completos são escassos ou inexistentes, dificultando a concretização da criação de museus bem estruturados e desenvolvidos. A ausência desses catálogos oficiais sobre cores, fontes e detalhes gráficos usados ao longo das décadas impacta na escassez de material confiável torna o processo de restauração e pesquisa uma tarefa minuciosa, essencial para manter a autenticidade histórica dos uniformes.

Essa lacuna transfere aos colecionadores e restauradores a responsabilidade de atuar na preservação e legado histórico, garantindo que fragmentos significativos da memória não se percam. Os próprios clubes, de modo geral, não possuem políticas estruturadas de preservação. A maioria limita seus esforços à conservação de troféus, muitos dos quais armazenados sem critérios técnicos. Há, no entanto, iniciativas pontuais, como exposições temporárias organizadas em parceria com colecionadores, que demonstram uma crescente conscientização sobre a importância da memória visual. Embora ainda tímidas e descontinuadas, essas ações indicam uma possibilidade de aproximação entre instituições e torcedores na construção de uma política mais efetiva de museologia esportiva.

Figura 37 - Exposição e visita guiada em comemoração aos 84 anos da Ilha do Retiro.



Fonte: [pinzon.com.br](http://pinzon.com.br), 9 de Julho de 2021.

Esse quadro reforça a necessidade de investimentos institucionais em acervos históricos e na criação de museus que valorizem o patrimônio cultural dos clubes. Até que isso ocorra, colecionadores e restauradores permanecem como os principais responsáveis por preservar e difundir a história vestida do futebol pernambucano.

## 6. CONCLUSÃO

Este estudo aprofundou a compreensão dos múltiplos elementos presentes na confecção e representatividade das camisas de futebol. A pesquisa concentrou-se nos três principais clubes da capital pernambucana, (Clube Náutico Capibaribe, Sport Club do Recife e Santa Cruz Futebol Clube), analisando-os através das funções do design estabelecidas por Bernd Löbach em seu livro “O Design Industrial” examinando suas camisas a partir de uma perspectiva multifuncional: prática, estética e simbólica.

No âmbito da função prática, observou-se como as camisas de futebol evoluíram tecnicamente para atender às exigências da performance esportiva. A substituição do algodão por tecidos sintéticos como o poliéster aliado a altas tecnologias permitiu melhorias em leveza, respirabilidade, conforto térmico e mobilidade, tornando o uniforme um instrumento de alta eficiência no desempenho dos atletas. A padronização da modelagem e a aplicação de tecnologias voltadas à ergonomia e absorção de suor evidenciam o papel central da inovação na função prática ao longo das décadas.

A função estética foi analisada à luz dos estatutos dos clubes e de suas representações visuais históricas. Tornando evidente que o design das camisas não se limita ao gosto momentâneo ou à criatividade das fornecedoras: ele precisa estar em conformidade com os padrões institucionais e valores identitários de cada agremiação. Casos como o do Sport Recife em 2015, quando a camisa com listras verticais foi aprovada pelo Conselho Deliberativo mesmo contrariando o padrão horizontal definido no estatuto, demonstram como o design pode unir tradição e inovação desde que validado por instâncias institucionais. No Santa Cruz, o estatuto estabelece listras horizontais com predominância do branco, mas há histórico de uso de listras verticais em diversas décadas, o que revela a flexibilidade estética dentro de uma identidade consolidada. No caso do Náutico, peças raras como a camisa “banned” de 1995 ilustram como o descumprimento de padrões visuais estabelecidos pode levar à retirada de um modelo de circulação após intervenção do conselho do clube.

Já a função simbólica revelou-se a mais afetiva e subjetiva entre as três dimensões analisadas. As entrevistas com colecionadores como Dennys Lapenda (Sport), Paulo Gabriel Dias (Náutico) , Agenildo e Leonardo Lima (ambos Santa Cruz) demonstraram que as camisas ultrapassam sua condição de vestuário esportivo e tornam-se repositórios de memória.

Como reforça Halbwachs (1990), a memória coletiva se constrói por meio de pontos de contato compartilhados entre indivíduos e grupos, e as camisas cumprem precisamente esse papel, de articular passado e presente por meio de símbolos visuais e afetivos.

Um título histórico, um jogo decisivo, uma lembrança familiar. Muitas vezes, essas peças são tratadas como relíquias pessoais e passam a compor acervos particulares mais completos que os dos próprios clubes, como apontado por entrevistados que relataram a ausência de museus ou políticas de preservação institucional.

Como um poderoso objeto-memória, as camisas transcendem de uma simples peça de roupa, na construção e perpetuação de afetos, símbolos e lembranças entre os torcedores tornando-se veículos de histórias e identidades coletivas e individuais.

### **6.1 Limitações da Pesquisa**

Uma limitação desta pesquisa foi o recorte geográfico, concentrado no estado de Pernambuco, deixando espaço para futuras explorações que ampliem a diversidade de relatos e perspectivas sobre o tema.

A ausência de acesso direto aos funcionários responsáveis dos clubes também se mostrou uma limitação significativa, pois impediu uma análise mais aprofundada sobre as políticas institucionais de preservação e os acervos internos, dependendo da pesquisa em grande parte dos relatos dos próprios colecionadores e das informações públicas disponíveis.

Destaca-se também a dificuldade em localizar colecionadores do Santa Cruz Futebol Clube, o que pode ter afetado a representatividade dos dados para este clube em particular. Apesar de o clube possuir a torcida mais numerosa da capital pernambucana, a prática do colecionismo e o registro histórico de suas camisas mostraram-se especialmente desafiadores, limitando o acesso a acervos representativos.

Além disso, o tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa também se revelou um fator limitante. A agenda restrita dificultou a realização de entrevistas mais amplas, tanto com colecionadores quanto com representantes institucionais dos clubes. Com um período de investigação mais extenso, seria possível expandir a amostra e aprofundar a análise. Essa limitação, no entanto, abre caminho para futuros trabalhos acadêmicos com o propósito de aprofundar o tema, ampliando as fontes de informação e as perspectivas contempladas.

## **6.2 Possibilidades de Estudos Futuros**

Os resultados desta pesquisa abrem caminhos para novas investigações sobre a relação entre camisas de futebol, memória afetiva e preservação cultural. Estudos futuros podem ampliar o escopo geográfico para incluir colecionadores de outros estados e países, possibilitando comparações entre diferentes contextos socioculturais e históricos. Ou, por outro lado, também é possível restringir ainda mais as futuras pesquisas, direcionando-as para a memória visual e material de um único clube, aprofundando a análise sobre sua história, símbolos, colecionadores e práticas específicas de preservação, fornecendo um estudo de caso mais particular.

Também seria relevante aprofundar a análise sobre práticas institucionais bem-sucedidas de museologia esportiva, identificando modelos de gestão de acervos, tanto físicos quanto digitais, que possam ser replicados por clubes brasileiros envolvendo o estudo das tecnologias aplicadas à preservação da memória do futebol, como digitalização de acervos, e criação de museus virtuais.

Além disso, é possível explorar a perspectiva dos próprios torcedores como agentes ativos na preservação da história, investigando as redes de colecionadores

e restauradores que atuam de forma descentralizada na manutenção desse patrimônio cultural.

## REFERÊNCIAS

Freyre, Gilberto. **Foot-ball mulato**. Diário de Pernambuco, 17 jun. 1938, p. 4.

Filho, Mário. **O negro no futebol brasileiro - Prefácio**. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947.

Löbach, Bernd. **Design Industrial: bases para a configuração dos produtos industriais**. São Paulo: Edgar Blücher, 1981.

Halbwachs, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

Cardini, F. **A memória coletiva no pensamento de M. Halbwachs**. /Conferência proferida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 10 de novembro de 1993.

Leitão, Débora Krischke; Pinheiro-Machado, Rosana. Tratar as coisas como fatos sociais: metamorfoses nos estudos sobre cultura material. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 236, 2010. DOI: 10.5433/2176-6665.2010v15n2p231. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/8237>

. Acesso em: 6 out. 2024.

Moliner, Cune; TURNER, Alejandro; GERALDES, Pablo Aro; MARTÍNEZ, Agustín; GÁNDARA, Sebastián. **Atlas Mundial de Camisas: a história, as lendas e as raridades nas cores de todas as seleções de futebol**. São Paulo: Planeta, 2022.

Araújo, Nathalia. **Torcida do Bayern inicia campanha por uniformes em vermelho e branco**. OneFootball, 17 set. 2018. Disponível em: <https://onefootball.com/pt-br/noticias/torcida-do-bayern-inicia-campanha-por-uniformes-em-vermelho-e-branco-21637465>. Acesso em: 31 jul. 2025.

Bonez, Mateus Cordenonsi. **Futebol é amor e saudade: uma etnografia com torcedores/as de futebol**. 2021. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, 2021.

Lima, Eduardo José Silva. **Recife entra em campo: história social do futebol recifense (1905–1937)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

**Clube Náutico Capibaribe. Cores e Uniformes**. 2015. Disponível em: [https://www.nautico-pe.com.br/simbolos?section=cores\\_e\\_uniformes](https://www.nautico-pe.com.br/simbolos?section=cores_e_uniformes). Acesso em: 20 jul. 2025.

**Sport Club do Recife. Estatuto Social**. Recife: Sport Club do Recife, 2024. Disponível em: <https://sportrecife.com.br/wp-content/uploads/2025/04/ESTATUTO-VIGENTE-AGE-04.10.2024-SPORT-CLUB-DO-RECIFE-2-em-vigor-registrado.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

**Santa Cruz Futebol Clube. Minuta de Estatuto do Santa Cruz Futebol Clube** – AGE 27/03/2022. Recife, 2022. Disponível em: <https://www.santacruzpe.com.br/wp-content/uploads/2022/02/Minuta-de-Estatuto-Santa-Cruz-Futebol-Clube-AGE-27-03-2022.pdf>. Acesso em: 02 Ago. 2025.

## **APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTAS COM OS COLECIONADORES**

Quantas peças você tem em sua coleção?

Como você começou e qual foi sua primeira peça na coleção?

Qual camisa de sua coleção desperta a memória mais marcante?

Alguma partida, ou memória que remete à uma camisa específica?

E essas camisas você usa no dia a dia?

Como você preserva sua coleção?

O que torna uma camisa mais rara?

Você consegue camisas preparadas para o jogo, como?

Você sabe como é feita a aprovação de uma camisa pelo conselho?

Onde é possível encontrar as regras e estatuto referentes ao padrão das camisas do clube?

Como você acha que poderia ser preservada a memória dos clubes de futebol?

## **APÊNDICE B – ARQUIVOS DAS ENTREVISTAS COM COLECIONADORES**

[Entrevista com Paulo Gabriel Dias, colecionador do Clube Náutico Capibaribe](#)

[Entrevista com Dennys Lapenda, colecionador do Sport Clube do Recife](#)

[Entrevista com Rodrigo Pedrosa, colecionador e restaurador de camisas de futebol](#)